

A DIALÉTICA DA MALANDRAGEM REVISITADA EM O XANGÔ DE BAKER STREET.

Renato Oliveira Rocha (G-UNESP/FAPESP)
Gabriela Kvacek Betella (UNESP)

RESUMO

Utilizando o conceito de influência, bastante explorado por Sandra Nitrini (2000), a proposta deste trabalho é verificar a caracterização dos personagens principais de *O Xangô de Baker Street* (1995) e de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928) – Sherlock Holmes e Macunaíma – como malandros nos respectivos romances, herdeiros da picaresca espanhola, gênero que tomou um novo significado na literatura brasileira, conforme assinalado desde os anos de 1960 por Antonio Candido em seu célebre ensaio “Dialética da malandragem” (2010). Com essa base teórica analisamos a composição dos malandros, cujo ponto de partida está voltado para a questão do nacional, do *brasileiro*. Embora as distâncias no tempo e de estilo separem os protagonistas criados por Jô Soares e Mário de Andrade notamos no interessante procedimento de recriação do consagrado detetive inglês de Arthur Conan Doyle e na releitura de aspectos do folclore brasileiro uma convergência de interesses no que diz respeito à representação do caráter nacional.

Palavras-chave: *Romance brasileiro; Literatura Comparada; malandragem; picardia.*

ABSTRACT

Using the concept of influence, well explored by Sandra Nitrini (2000), the purpose of this study is to verify the characterization of the main characters of *O Xangô de Baker Street* (1995) and *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928) – Sherlock Holmes and Macunaíma – as rogues in their novels, heirs to the Spanish picaresque, a genre that has taken on new meaning in Brazilian literature, as pointed out since the 1960s by Antonio Candido in his famous essay “Dialética da malandragem” (2010). With these theories, we analyze the composition of the tricksters, whose starting point is the question facing the country, the *Brazilian*. Although the distances in time and style of separating the protagonists created by Jô Soares and Mário de Andrade, we have noticed the interesting procedure of re-creation of the renowned English detective created by Arthur Conan Doyle and the reinterpretation of aspects of Brazilian folklore a convergence of interests with regard to representation of the national character.

Keywords: *Brazilian romance; Comparative Literature; trickery; picardy.*

1. INTRODUÇÃO

Em seu romance de estreia na literatura, *O Xangô de Baker Street* (1995), Jô Soares trouxe à cena o consagrado detetive Sherlock Holmes e seu fiel escudeiro, o doutor Watson, criados por Arthur Conan Doyle, para desvendar crimes ocorridos no Rio de Janeiro, em fins do século XIX. Entre outras análises e aferições possíveis acerca do romance, nos deteremos na figura do detetive e na maneira como o autor recompôs um personagem consagrado nos romances policiais e revisou as características que fazem dele a encarnação da ordem, da lógica e do método, na forma de um malandro – ou neopícaro – dos trópicos.

A forma de representação do malandro aparece pela primeira vez na literatura brasileira com *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. O romance, publicado primeiro em folhetins entre 1852 e 1853, depois em livro, inaugurou a maneira de pensar e retratar

certos aspectos relativos às transgressões e à desordem da sociedade brasileira. No sentido de evitar que se tomem por verdadeiras certas filiações, é Antonio Candido quem nos diz que “Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro malandro que entra na novelística brasileira” (CANDIDO, 2010, p. 22). Ainda que se insista no fato de que Mário de Andrade tenha apostado na herança espanhola, o seu Macunaíma pode ser lido através da teoria formulada por Antonio Candido, que rejeita as características do pícaro e aposta nos traços nacionais para uma linhagem de tipos comuns a várias culturas, cujas características foram incorporadas tanto pela nossa literatura quanto pela tradição oral. Nesse quadro estariam dispostos, no âmbito nacional, alguns sujeitos associados aos *tricksters*, como o saci-pererê, Pedro Malasartes e alguns animais como o macaco, a raposa, o jabuti, enfim, vários pequenos enganadores ou trapaceiros cujo propósito é utilizar a sagacidade natural e a esperteza para tirar vantagem sobre os outros ou simplesmente se livrar de juízos, penas, castigos ou admoestações, graças à criatividade das situações e do discurso.

Macunaíma, o “herói de nossa gente”, reforça o caráter simbólico e nacional desse tipo de personagem, oferecendo-lhe uma dimensão que ultrapassa tanto o caráter folclórico quanto o de protagonista de romance de costumes. Mário de Andrade faz vingar na literatura a representação de um tipo nacional, ainda que suas origens sejam mescladas a partir da pesquisa sobre os mitos indígenas e da recriação que traz Macunaíma para o mundo urbano em plena efervescência do final da década de 1920.

2. A MALANDRAGEM EM *O XANGÔ DE BAKER STREET*

Normalmente, o pícaro tem como uma de suas características um projeto de ascensão social, já que aparecia na literatura como “(...) um tipo inferior de servo, sobretudo ajudante de cozinha, sujo e esfarrapado” (CANDIDO, 2010, p. 20). De certo modo, Macunaíma tem um projeto – a busca pela muiiraquitã; em *O Xangô de Baker Street*, a solução dos crimes por parte de Sherlock Holmes também pode ser vista como um meio de passar de uma condição a outra. No entanto, em nenhum dos dois casos os personagens são servos, e nem sequer aparecem subordinados a alguém. A rigor, nenhum dos dois trabalha. Portanto, ambos podem ser vistos como releituras bastante modificadas do pícaro tradicional (cujo terreno mais fértil foi o da Espanha do século XVI), ainda mais se acrescentamos outras características do suposto modelo: a origem humilde, a falta de meios, o abandono, o choque com a realidade que proporciona a reação através da mentira, do roubo e da falta de escrúpulos como defesa contra a adversidade material.

Na explicação de Antonio Candido, o pícaro nasce ingênuo e se transforma devido à brutalidade da vida; Leonardo, nosso anti-herói das *Memórias*, além de não ser propriamente largado na vida, “nasce malandro feito, como se se tratasse de uma qualidade essencial, não um

atributo adquirido pela força das circunstâncias.” (CANDIDO, 2010, p. 22). Nem é preciso dizer que Macunaíma, nosso anti-herói moderno, também nasce pronto e, embora saia mundo afora, não é abandonado. Quanto à recriação de Sherlock Holmes, além de não possuir nenhum traço de desamparo na sua caracterização, sofre uma transformação, ao que tudo indica, temporária, como se o ensejo brasileiro fosse mais uma experiência a assimilar. Uma questão remanescente para Macunaíma e Sherlock nos chama a atenção para outro aspecto da picaresca: teriam os anti-heróis do século XX aprendido algo com as aventuras que viveram? A pergunta talvez se responda quando lembramos que, ao contrário do pícaro, o malandro das *Memórias* não amadurece graças ao percurso que o ensinaria e o faria refletir sobre sua trajetória.

Outro traço da picaresca clássica que se desfaz em *Macunaíma* e em *O Xangô de Baker street* é a autobiografia. Esta, que seria uma característica essencial, não ocorre em ambos os romances. Mário de Andrade deu a um papagaio a função de narrador das aventuras do herói de nossa gente; Jô Soares narra em terceira pessoa, porém deixa em suspenso Watson como narrador para as aventuras de Sherlock Holmes, exatamente como de fato o personagem se assume nas histórias de Arthur Conan Doyle. Na trama de *O Xangô* a atriz francesa Sarah Bernhardt, que fazia excursão pelo Brasil em 1886, sugere ao amigo do detetive:

- [...] Virou-se, dirigindo-se, em inglês, para Watson: – E este querido doutor, como vai? Espero que tenha levado a sério minha sugestão de escrever em livros as fantásticas aventuras de seu amigo.
- Tenho pensado nisso, madame. Por enquanto, falta tempo (SOARES, 2006, p. 112).

No capítulo 23, quando partiam do Rio de Janeiro de volta a Londres, após o fracasso nas investigações sobre o crime e sobre o assassino, Sherlock Holmes viu que o amigo fazia anotações em um pequeno caderno. Indagado sobre o conteúdo dos escritos, o doutor Watson diz:

- [...]. Estou finalmente seguindo o conselho de madame Sarah Bernhardt. Vou passar a escrever todos os seus casos. A francesa tem razão, essa brincadeira deve render umas boas libras. O que acha? Já tenho até o título: *As aventuras de Sherlock Holmes* (SOARES, 2006, p. 339).

A fala do amigo de Holmes dá a impressão ao leitor de que o romance teria sido narrado pelo doutor Watson, assim como nas histórias de seu “pai” verdadeiro, Conan Doyle.

No romance de Jô Soares, a personagem central tenta se adaptar ao Rio de Janeiro do século XIX. Logo em sua chegada ao Brasil, ainda nas águas do porto de Recife, Holmes tenta se adequar aos trópicos. Sua primeira atitude é sugerir ao doutor Watson – para quem a capital do Brasil era Buenos Aires – que trocasse o chá inglês pela água-de-coco:

- [...]. Em vez de chá, é melhor experimentar essa água-de-coco que os marinheiros acabaram de trazer a bordo. Dizem que é refrescante e deliciosa.
- Fico com o chá. Basta a diarreia que tive em Calcutá quando experimentei suco de manga com leite.

– Watson, às vezes me espanta a sua falta de capacidade de se adaptar às circunstâncias. Por mim, já me sinto um nativo (SOARES, 2006, p. 60).

No trecho acima temos o primeiro contato do detetive com as terras brasileiras e, ao fazê-lo trocar o chá pela água-de-coco, o autor inicia o processo de abasileiramento do mais circunspecto dos ingleses que, mais ao final, ficará parecido com um malandro carioca. Esse processo de transformação pode representar, guardadas as proporções, a assimilação do elemento literário importado e seu desenvolvimento na ficção brasileira, percurso que teria como resultado o romance de Jô Soares, disposto a reunir vários componentes estrangeiros (além dos personagens, o enredo do tipo policial) integrados com caracteres muito peculiares do meio e da época de formação do autor. O produto final estaria exibindo em detalhes as etapas da absorção do modelo, como evidência da homologia que existe entre os conceitos de influência e recepção produtora (NITRINI, 2000, p. 181).

Se, na tentativa de recuperar a muiraquitã, Macunaíma, no capítulo 6 (“A francesa e o gigante”) disfarçou-se de francesa, o narrador de *O Xangô de Baker Street* nos conta que Sherlock Holmes era o rei dos disfarces, para desespero do doutor Watson. No capítulo 16 o delegado Mello Pimenta esperava pelo detetive para juntos colherem informações em um hospício sobre as características de um doente mental (acreditavam ser esse mal que acometia o assassino). O policial se depara com a figura de um velho marinheiro de carregado sotaque português. Ao ver o espanto do delegado com a indiscrição do disfarce, Sherlock Holmes se explica: “(...) Achei melhor não chamar muito a atenção nesta fase das investigações (...)” (SOARES, 2006, p. 240). Vale lembrar que o disfarce é um dos truques mais utilizados pelos ardilosos nas tramas clássicas para ludibriar os mais inocentes. Se a rapsódia de Mário de Andrade permitiu ao herói fingir-se de mulher para conseguir seu intento, assim como poderia acontecer numa lenda amazônica, o protagonista de Jô Soares aparece disfarçado para contribuir com a ironia sobre a falência do disfarce detetivesco naquele contexto. Percebemos, nos dois casos, a utilização de um elemento de enredo no sentido de provocar uma atualização do mesmo.

3. MALANDROS

Tanto Macunaíma quanto o Sherlock Holmes de Jô Soares são malandros no que diz respeito ao *ser brasileiro*. Se é inegável a qualidade literária do livro de Mário de Andrade, por tudo o que representa, devemos admitir que as técnicas de composição puderam influenciar outros escritores. Sabe-se que Mário de Andrade escreveu sua rapsódia com base nos relatos do alemão Koch-Grünberg e no folclore brasileiro; Jô Soares foi buscar nos costumes do século XIX e em relatos de viajantes o mote para inserir no mais inglês dos ingleses o espírito *brasileiro*. É através desse personagem que o autor denuncia uma série de inadequações sociais, identifica falhas do

pensamento da época, aponta incongruência nos costumes, como na passagem em que Sherlock Holmes, sem compreender as vestimentas ao estilo europeu, pede a Salomão Calif que lhe faça quatro ternos de linho branco, para surpresa do alfaiate:

– Mas ninguém que seja de qualidade usa disso por aqui – argumentou Calif.
– É coisa para o zé-povinho – argumentou Guimarães Passos.
– *Pois inauguraréi a moda* – afirmou, teimosamente, o inglês.
(SOARES, 2006, p. 183-184 – grifo nosso).

Sherlock Holmes ainda complementa: “– E branco, não se esqueça. Não entendo como vocês ainda não usam roupas mais leves, adequadas ao calor dos trópicos” (SOARES, 2006, p. 184). As falas deste personagem trazem à tona o pensamento nacionalista e remetem ao típico malandro carioca. Foi necessário importar o detetive consagrado na literatura inglesa para mostrar que até mesmo ele se comportou naturalmente como um brasileiro, o que não acontecia com certos “homens de bem” vestidos com autêntica lã inglesa.

Outro aspecto interessante em ambos os romances é a versão que os autores dão para hábitos do brasileiro. Em *Macunaíma*, a invenção do truco e do futebol, por exemplo, têm correspondência com a versão dada por Jô Soares para a invenção da caipirinha. No capítulo 5 (“Piaimã”), Macunaíma e Maanape tentavam despistar o gigante devorador de gente, Venceslau Pietro Pietra. E foi assim que surgiu o jogo do truco:

Maanape não queria jogar o mano mesmo, pegou desesperado em seis caças duma vez, um macuco um macaco um jacu uma jacutinga uma picota e uma piaçoca e atirou no chão gritando:
– Toma seis!
(...)
Então Maanape ficou com muito medo e jogou, truque! o herói no chão. Foi assim que Maanape com Piaimã inventaram o jogo sublime do truco
(ANDRADE, 2007, p. 56).

Em *O Xangô*, Jô Soares dá uma versão para a invenção da caipirinha. Sherlock Holmes estava indisposto após provar das delícias culinárias da terra, quando o médico-legista Saraiva sugeriu-lhe uma dose de cachaça para curar a indisposição. Watson, percebendo o forte cheiro do líquido, pediu ao dono do botequim açúcar e limões para amenizar o efeito da aguardente. Sem entender o que acontecia, perguntavam-se sobre a nova receita:

– E que mixórdia é aquela que eles estão fazendo?
– Não sei, uma invenção daquele caipira ali – disse, apontando para o chapéu de vaqueiro de Watson.
– Qual deles, o grandão? – perguntou o rapaz, indicando Sherlock Holmes, todo de branco.
– Não, o caipira grande está só bebendo. Quem preparou foi o menorzinho, o caipirinha – respondeu o proprietário, batizando assim, para sempre, a exótica mistura. (SOARES, 2006, p. 230-231).

É preciso assinalar outra diferença entre a tradição picaresca e os malandros da literatura brasileira, para valorizar a comparação entre *Macunaíma* e *O Xangô de Baker Street*. A inovação

que ocorre nos dois romances brasileiros diz respeito a certos tipos de desvio do objetivo principal do protagonista. Conforme assinala Mario González,

O pícaro clássico padece normalmente de uma auto-repressão sexual, própria de seu contexto histórico, que evolui para a misoginia ou, ao menos nas obras do núcleo, para formas implícitas ou explícitas do proxenetismo sustentador do mais tradicional machismo. [...] (GONZÁLEZ, 1994, p. 312).

Seguindo a linha inaugurada nas *Memórias de um Sargento de Milícias*, a rota da trama é desviada por causa da mulher. É sabido que Macunaíma gostava de “brincar” e que namoradas não eram um problema para ele. Suas aventuras amorosas são motivo para mudanças de percurso. No Rio de Janeiro recriado por Jô Soares, Sherlock Holmes perde de vista seu objetivo principal (a investigação dos crimes em série) e preocupa-se com objetivos imediatos – o namoro com Anna Candelária, o que propicia aventuras marginais à história principal, como por exemplo, a prisão do detetive durante um encontro mais acalorado com Anna.

4. CONCLUSÃO

A leitura de *O Xangô de Baker Street* à luz das transformações sofridas pela picaresca não apenas é possível, mas também permite encarar a obra de Jô Soares sob dimensões legítimas do ponto de vista do estudo da intertextualidade e sobretudo da influência estrangeira no romance contemporâneo brasileiro. Utilizando-se do detetive Sherlock Holmes, o autor deu nova roupagem às suas aventuras e se apropriou de algumas características do tipo e das tramas nas quais participa para promover um novo elemento, como que saído da realidade brasileira. A comparação com *Macunaíma* torna-se válida na medida em que o procedimento de ambos os autores está voltado para a particularidade brasileira. Se Jô Soares explicita suas fontes, demarcando o terreno percorrido pela composição do romance, Mário de Andrade não dá muitas chances ao leitor despreparado, pois sua assimilação de modelos da tradição literária universal não somente demonstra sua ampla erudição como torna fascinante a aproximação de elementos, conforme se pode constatar através da leitura de *O tupi e o alaúde*, de Gilda de Mello e Souza.

Mantendo coerência com seu tempo, no qual as pistas literárias podem contribuir para aguçar a curiosidade de alguns leitores, assim como a intertextualidade pode ser motivo para formação de outros, *O Xangô de Baker Street* pode se enquadrar na definição precisa de Sandra Nitri: “Muitas obras literárias encarnam tradições, condensam e vitalizam sistemas de convenções e simbolizam outras obras” (NITRINI, 2000, p. 138). Mais que isso, o romance de Jô Soares integra um tipo de representação da sociedade brasileira à atitude consciente e oportuna de revisar livremente as fontes históricas e literárias, partindo de modelos estrangeiros e exemplos nacionais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. In: _____. *O discurso e a cidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 17-46

GONZÁLEZ, Mario. *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

NITRINI, Sandra Margarida. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SOARES, Jô. *O Xangô de Baker Street*. 37. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.